

o monopólio nos esportes: uma comparação da organização dos esportes comercializáveis nos estados unidos, na Inglaterra e no Brasil (1870-1920)*

João Manuel Casquinha Malaia Santos**

Professor do Programa de Pós Graduação em Gestão do Esporte da Universidade Nove de Julho – SP.
Doutor em História Econômica pela USP

RESUMO

Ainda são poucos os estudos no Brasil que se dedicam a analisar o passado da organização dos esportes enquanto mercadoria nesse país. O presente estudo tem como objetivo comparar a estrutura econômica organizada para a comercialização dos esportes mais populares dos Estados Unidos, da Inglaterra e do Brasil, com foco na cidade do Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o XX. Parto da hipótese de que a comparação das características econômicas, sociais e geográficas de cada país com as soluções adotadas para a gestão dos esportes como mercadoria podem revelar aspectos importantes da economia dos esportes. Procura-se contribuir para um melhor entendimento da organização dos esportes dentro da lógica capitalista com apoio da metodologia comparativa e com conceitos da teoria econômica, vista como permeável às manifestações sociais, políticas e culturais.

Palavras-chave: História Econômica dos Esportes. História dos Esportes. Ligas Esportivas. Monopólio. Capitalismo.

ABSTRACT

There are still few studies in Brazil dedicated to analyzing the past of the sports organization as a commodity in this country. The present study aims to compare the economic structure organized for the commercialization of the most popular sports in the United States, England and Brazil, focusing on the city of Rio de Janeiro at the turn of the nineteenth to the twentieth. I work with the hypothesis that the comparison of the economic, social and geographical characteristics of each country with the solutions adopted for the management of sports as a commodity can reveal important aspects of the economics of sports. Supported in comparative methodology and working with concepts of economic theory, but seen as susceptible to the manifestations of social, political and cultural aspects, this work aims to contribute to a better understanding of the organization of sports within the capitalist logic.

Key-words: Sports Economic History; Sports History; Sports Leagues; Monopoly; Capitalism.

* Submetido: maio, 2012; aceito: setembro, 2012.

** Email: jmalaia@gmail.com

Introdução

Os esportes organizados a partir de uma lógica de produção voltada para o fornecimento de espetáculos a grandes públicos tornam-se cada vez mais fatias importantes da chamada indústria do entretenimento e da própria economia. Entender o desenvolvimento e funcionamento dessa produção é entender a própria lógica do capitalismo. Se os espetáculos esportivos estão presentes praticamente em todo mundo e são organizados dentro da lógica capitalista, as soluções encontradas nas mais diversas partes do mundo para essa produção têm diferenças importantes. Tais diferenças revelam os distintos caminhos adotados pelos empreendedores para se adequarem às suas condições locais.

Geralmente, a produção regular de jogos se faz através da elaboração de torneios com um número pré-determinado de equipes. Para além das competições internacionais existe a organização de competições internas em cada um dos países do mundo. Na maior parte das vezes, há a organização de campeonatos nacionais, pois possibilitam a reunião de equipes de diversas regiões de um país, reforçando os laços entre as mesmas. Ao mesmo tempo, geram a valorização da cultura local mediante a devoção dos torcedores em oposição aos adversários de outras regiões. Os principais campeonatos do mundo ocupam praticamente toda a “temporada esportiva”, um período entre nove e dez meses.

Diferentemente do resto do mundo, no Brasil o campeonato nacional não é disputado durante todos os dez meses da temporada esportiva. Quem observa a organização do futebol brasileiro atual depara-se com uma peculiaridade que não existe na estrutura de organização dos esportes de alta competição no resto do mundo: a disputa de campeonatos estaduais, que ocupam cerca de três meses da temporada dos clubes, obrigando-os a disputar um número excessivo de partidas a cada ano¹.

O objetivo deste trabalho é compreender as possíveis raízes desse processo, relacionando as características geográficas, econômicas e de desenvolvimento dos meios de transporte no Brasil, com a adoção de um modelo peculiar de organização de eventos esportivos. A ideia sur-

¹ Para citar um exemplo, em 2011 a equipe do Clube de Regatas Vasco da Gama disputou 75 jogos, sendo 17 para o campeonato carioca. O Barcelona Football Club, uma das equipes que mais jogou em toda a Europa, realizou 60 partidas na temporada 2010/2011.

giu a partir da pesquisa realizada por Louis P. Cain e David D. Haddock (2005), em que os autores compararam a organização dos principais campeonatos esportivos nos Estados Unidos (beisebol) e na Inglaterra (futebol). Cain e Haddock procuraram mostrar como as diferenças na economia, no tamanho e na distribuição geográfica da rede urbana de ambos os países contribuíram para que suas principais ligas se organizassem de maneiras distintas.

A comparação da estrutura de gestão dos esportes comercializáveis tem como finalidade contribuir para a “experiência histórica” da organização do esporte dentro da lógica capitalista em três locais distintos (Rio de Janeiro/Brasil, Estados Unidos e Inglaterra) em períodos contemporâneos. Procuro analisar comparativamente algumas peculiaridades da estrutura organizacional do futebol carioca, do beisebol norte-americano e do futebol inglês na virada do século XIX para o XX, relacionando as características econômicas e geográficas de cada país com os diferentes modelos de gestão do esporte comercializável adotados. A comparação sistemática dessas organizações revela-se uma interessante estratégia metodológica para observar as semelhanças e diferenças entre os modelos adotados para cada uma das iniciativas citadas.

O trabalho está dividido em quatro partes. Primeiramente, cabe entender a natureza da produção do esporte enquanto mercadoria, bem como suas peculiaridades em relação aos outros produtos no mercado capitalista. Por tratar-se de um trabalho de História Econômica no qual se pretende analisar três realidades distintas em períodos contemporâneos, dedico a parte seguinte deste trabalho ao esclarecimento de alguns pontos em relação aos conceitos e à metodologia comparativa para a análise econômica das ligas esportivas.

A sequência do artigo conta com mais duas partes. A primeira delas compara a organização das ligas nos Estados Unidos e na Inglaterra. Tomando por base a análise de Cain e Haddock, procura-se iluminar alguns pontos com auxílio de documentação e de outras pesquisas que possibilitem uma comparação para entender melhor o caso brasileiro. Na sequência, aborda-se a organização das ligas no Brasil, com foco na organização do futebol na cidade do Rio de Janeiro, comparando-a com as duas ligas analisadas anteriormente. Nesse caso, como praticamente não há estudos sobre esse tema que tenha como objeto o Brasil, foi necessário fazer um levantamento mais detalhado de cada agremiação

presente na principal liga de futebol da então capital federal brasileira, para que se pudesse demonstrar a maior viabilidade dos campeonatos regionais e as dificuldades de organização de um campeonato nacional.

Para entender as ligas esportivas

A história econômica nos ajuda a esclarecer a maneira como as variáveis econômicas e as demais variáveis sociais estão relacionadas (TORTELLA, 1987: 2). Este é um trabalho pautado na busca sistemática de explicações econômicas para fenômenos sociais, levando em conta que a teoria econômica não pode ser abandonada, mas vista como permeável às manifestações políticas, sociais e culturais.

Neste trabalho, aponto algumas propostas da teoria econômica dos esportes, bem como da teoria econômica em geral, baseada majoritariamente em conceitos do marxismo, para a análise dos modelos de organização dos esportes comercializáveis. Como historiador econômico, prefiro, como Fernand Braudel, “a observação da vida econômica real. Um historiador diz o que vê, tenta analisar o que tem sob os olhos. Não se abandona às teorias dos economistas, nem mesmo às velhas histórias sobre a oferta e a procura” (BRAUDEL, 1986: 78).

Por isso, o que proponho é uma investigação de cunho histórico, já que os modelos aqui propostos para a análise da formação das ligas esportivas nos três países em questão não são vistos como eternos ou universais, modificando-se no sentido de uma realidade mais ampla que a economia “pura” e buscando a totalidade das relações humanas (VILLAR, 1980: 23).

As partidas de esportes, praticadas em recintos fechados e comercializadas mediante cobrança de ingresso, tal como uma mercadoria, são produzidas para um mercado. As disputas esportivas entre clubes só podem ser comercializadas ou organizadas a partir de uma lógica predominantemente econômica, a partir da existência de um mercado.

Os esportes ditos modernos surgiram na Inglaterra na primeira metade do século XIX e se disseminaram pelo mundo como tantos outros hábitos e produtos ingleses naquele tempo. Nos EUA, chegaram durante os primeiros anos da segunda metade do século XIX. Esses dois países foram os primeiros do mundo a organizar competições esportivas nacionais, no início dos anos 1870, com comercialização de ingressos

para grandes audiências. A expansão dos esportes e a posterior organização da estrutura para comercialização de partidas de modo regular nesses países acompanhou etapas decisivas da expansão do capitalismo. Estranho seria se tal estrutura não estivesse em consonância com as práticas capitalistas do período.

A maior parte das atividades esportivas realizadas com o fim da organização de eventos comercializáveis é praticada em clubes. No caso das análises econômicas dos esportes devemos pensar os clubes como empresas no sentido mais amplo desse conceito. Um grupo que controla determinados meios de produção (estádios, campos, quadras, equipamentos esportivos em geral) e capitais (obtidos com a comercialização de partidas, aluguel do campo, cobrança de mensalidades a associados) também contrata trabalhadores que possam tanto zelar pela manutenção da infraestrutura quanto desenvolver atividades esportivas, visando representar o clube em eventos comercializados por meio da venda de ingressos ao público. Mas os clubes são empresas com características próprias. Um clube é um espaço social de convivência e de exclusão, com normas de aceitação, manutenção e expulsão de sócios e, geralmente, se declara como entidade sem fins lucrativos.

No entanto, uma única empresa, neste caso, um único clube, é incapaz de produzir sozinho um jogo comercializável. O jogo é realizado com a ação de duas diferentes empresas, dois diferentes clubes que, assim, dependem um do outro para a produção de sua mercadoria. O jogo seria, segundo Hardy, uma *joint-production* invertida, um produto único, resultante da interação de duas empresas separadas (HARDY, 1986: 25).

Desde que as partidas de alta competição passaram a atrair enormes públicos aos estádios e ginásios esportivos os interesses da burguesia foram despertados para o controle de clubes esportivos. Tal prática trazia a possibilidade da obtenção de lucros econômicos, a par do prestígio, status e presença em meios sociais importantes. No entanto, por conta da popularização dos esportes e das novas possibilidades econômicas que se abriam os clubes formados por representantes da burguesia conviviam com um sem número de pequenas agremiações que se multiplicavam pelas grandes cidades, promovendo jogos independentes.

Foi no final do século XIX e início do XX que passamos a observar um distanciamento cada vez maior do capitalismo de livre concorrência

nos esportes. Segundo Marx, tal situação pode ser observada quando os empreendedores passam a direcionar mais investimentos para o capital constante do que para o capital variável. Percebe-se que os clubes administrados por elementos da burguesia passaram a tomar atitudes típicas desse processo. Trataram, por exemplo, de viabilizar, tanto por crédito bancário facilitado quanto por benesses do Estado, a construção de suntuosas praças esportivas (capital constante) e criaram regulamentações para que os gastos com mão de obra (capital variável) fossem os menores possíveis, como quando defenderam durante décadas a proibição de atletas profissionais nos clubes.

Os clubes de maior poder econômico se organizaram em ligas, associações, espaços também de convivência e exclusão, uma espécie de “clube dos clubes”, para a produção em série de partidas esportivas. Era necessário que houvesse um número de clubes que pudesse atender à demanda do mercado de maneira satisfatória. Além disso, as ligas se constituíram como um corpo organizacional dos esportes, criando regras para admissão e manutenção das associações, bem como punições. Geralmente, a direção dessas instituições ficava a cargo de representantes eleitos entre os próprios clubes participantes.

Stephen Hardy já defendia o potencial analítico das ligas esportivas. O autor aponta para o fato de as ligas serem os elementos de maior longevidade no esporte e, por isso, passíveis de uma observação mais sistemática (HARDY, 1986: 17).

Segundo diferentes teorias econômicas esportivas as ligas são o elemento econômico de maior significância dentre os esportes. S. Rothenberg (1956), em um trabalho pioneiro referente à análise da economia dos esportes, apresentou a hipótese da incerteza do resultado como maior gerador de interesse naqueles que se dispunham a consumir espetáculos esportivos. Portanto, as ligas seriam fundamentais, criando normas para a manutenção do equilíbrio entre as equipes através de subsídios e vantagens aos clubes de menor expressão esportiva e econômica.

Walter Neale (1964) foi o primeiro a tentar definir as ligas em termos econômicos, mediante o conceito de *multiplant monopolies*: como apenas um clube não consegue fornecer ao mercado a produção de jogos esportivos, alguns deles se unem para formar a liga, com objetivo de produzir jogos regularmente e monopolizar o mercado daquela modalidade esportiva. Essa instituição deveria ser a responsável pela adminis-

tração do esporte, determinando o número de clubes a serem admitidos e partidas a serem disputadas.

O britânico P. Sloane (1971) inaugurou os estudos econômicos sobre o futebol profissional na Europa, contrariando Neale, e defendendo que a liga deveria ser compreendida como um cartel, e não como *multiplant monopoly*. Stephen Hardy (1986) e Dobson e Goddard (1998) também comparam as ligas esportivas a cartéis, devido à cooperação entre os diversos clubes para a produção dos jogos e das intenções de sobrepujar a concorrência dominando o mercado de jogos esportivos em determinadas regiões.

Mesmo que com muitas diferenças de esporte para esporte e de país para país, e ao longo do tempo, as ligas são responsáveis por decisões significativas na esfera da economia dos esportes: o número de campeonatos a serem disputados por temporada; a fórmula de disputa das competições; o número de jogos de cada campeonato; que tipo de atleta pode disputar os jogos da liga; as diversas taxas a serem cobradas pelos clubes que pertencem à liga; as regulamentações sobre transferência de atletas de um clube para outro (interferindo nas relações de trabalho); e, pelo menos aparentemente, é uma estrutura voltada para a maximização dos lucros, ou seja, para a liga, não interessa quem será o campeão, pois a liga não busca a vitória. A liga busca o monopólio do mercado.

Multiplant monopoly, cartel ou *joint-venture*, a forma característica das ligas de clubes reside, portanto, no:

fato de serem destinadas deliberadamente a aumentar os lucros por meios de controle de mercado de caráter monopolista. Para atingir esse objetivo, é necessária a transferência ou a limitação da independência das empresas participantes, e sua coordenação sob uma política unificada e definida (SWEEZY, 1986: 203).

Assim procedem as ligas esportivas, limitando a independência dos clubes, coordenando uma política unificada e definida com o objetivo de aumentar os lucros através do controle do mercado em cada localidade. Para entender como os empreendedores do beisebol norte-americano e do futebol inglês e carioca procederam para o controle de seus mercados, cabe discorrer sobre o método de comparação a ser utilizado.

Para comparar as ligas esportivas

Devido à importância econômica das ligas enquanto instituições reguladoras do esporte, Cain e Dobson (1998) propuseram uma comparação entre as ligas norte-americana de beisebol e a inglesa de futebol, analisando as diferenças geográficas, populacionais, de meios de transporte e de desenvolvimento econômico em cada país para explicar a diferença entre os diferentes modelos de gestão do esporte adotados em cada região.

A partir das sugestões de Cain e Dobson proponho ampliar a discussão em relação ao beisebol norte-americano e ao futebol inglês, aprofundando a questão da organização visando monopólio, e introduzir a comparação também com o caso brasileiro, certo de que tal análise aprofundará o entendimento sobre a organização econômica capitalista das competições esportivas de uma maneira geral. Amparando-me na metodologia historiográfica comparativa procuro compreender tanto aspectos generalizantes quanto, e principalmente, características peculiares da organização econômica do esporte de maneiras distintas em cada um desses países.

Todo método historiográfico tem, em certa medida, um caráter essencial comparativo. Seja uma comparação sucessiva, entre o anterior ou o posterior, chave da pesquisa histórica que visa reconstruir a sucessão dos comportamentos humanos, seja uma comparação entre processos simultâneos que se produzem em diferentes âmbitos, caso desse trabalho. Aqui a comparação tem um papel distinto, ao modo do que prega Aróstegui quando afirma que:

A prática comparatista explícita é aquela que busca homologias e heterologias entre desenvolvimentos históricos de sistemas comparados, não a evolução de estados sucessivos de um mesmo sistema (ARÓSTEGUI, 2006: 457-458).

Isso é o que se busca com a comparação das três ligas já citadas. No entanto, os estudos comparativos de regiões distintas precisam ser feitos tomando-se alguns cuidados. Analisar três regiões distintas requer o conhecimento de três realidades e contextos também distintos. Maier afirma que o perigo da incapacidade de dominar determinados contex-



tos pode acontecer em qualquer investigação histórica, mas “o historiador que abandona um campo que lhe é familiar para aventurar-se em um território radicalmente novo está exposto de maneira muito marcante a este perigo” (MAIER, 1992; 1993: 28)². Outro perigo nos estudos comparativos, apontado por Peter Burke, pode advir da tentativa em classificar a história de uma determinada localidade a partir do modelo de outra (op. cit., 2002: 44).

Procuo trabalhar aqui com dados das três regiões, procurando não tomar nenhuma delas como modelo para a outra, mesmo porque cada uma adotou um modelo diferente de organização. Mesmo com os perigos há muitas vantagens no uso da comparação. Aróstegui afirmou que a comparação:

Tem sido vista como a melhor forma da historiografia contribuir de uma maneira decisiva para explicar grandes processos, o que, por sua vez, é a melhor maneira de contribuir para que a ciência social adquira uma importante base histórica (ARÓSTEGUI, 2006: 463).

Portanto, a comparação em estudos de História Econômica poderia trazer importantes contribuições para a base histórica da Economia.

Kocka apontou para outra vantagem no uso da comparação nos estudos históricos: a possibilidade de um “efeito desprovincializante, liberador, abrindo perspectivas” que, segundo o autor, não deveriam ser subestimadas (KOCKA, 2003: 41). Victor Melo, autor que desenvolve vários trabalhos sobre história dos esportes e que utiliza largamente os métodos comparativos aponta para as potencialidades desse tipo de estudo, lembrando que:

Estamos lidando com uma das manifestações culturais contemporâneas mais influentes e presentes em países diferentes. [...] Assim sendo, desde o início, parece que uma abordagem histórica transnacional pode se apresentar como fértil perspectiva para as investigações relacionadas ao objeto (MELO, 2007: 17). Tais assertivas são extremamente relevantes para o estudo aqui realizado, que se propõe a confrontar a organização dos esportes como produtos comercializáveis em sociedades distintas e em períodos cronológicos praticamente coetâneos. A proposta deste

² “El historiador que abandona un campo que le es familiar para aventurarse en un territorio radicalmente nuevo, está expuesto de manera muy marcada a este peligro”.



artigo em comparar os campeonatos nacionais dos esportes mais populares dos Estados Unidos e Inglaterra com os campeonatos metropolitanos no Brasil está em consonância com aquilo que Douglas Booth chamou de “comparações sistemáticas”. Segundo este autor, em estudo dedicado à metodologia e historiografia do esporte, a maior contribuição desse tipo de procedimento não seria apenas validar formalmente leis universais para o esporte, mas também dar estímulo a novas reflexões sobre as práticas esportivas, impulsionando novas pesquisas sobre o tema (BOOTH, 2005: 138). Poderia, por exemplo, estimular as pesquisas para um melhor entendimento das diferentes soluções adotadas pelos gestores do esporte em cada país, contribuindo também para o deslocamento das pesquisas de cunho estritamente nacional nos esportes.

Os autores Louis P. Cain e David D. Haddock, por exemplo, através da comparação dos casos norte-americano e inglês, remetem a pensar em uma questão geral para a organização dos esportes. Os diferentes modelos adotados têm sido os utilizados pelas ligas esportivas profissionais desses dois países em quase todos os esportes. Mas o que levou seus clubes a organizarem os campeonatos de maneira tão distinta?

Neste trabalho procuro mostrar como cada país aqui analisado desenvolveu o seu modelo de gestão dos esportes comercializáveis de maneira singular, adaptando os modelos de competições às características demográficas, geográficas, econômicas e sociais de cada região. Procuro atentar, principalmente, às características específicas de cada um dos sistemas de organização dos campeonatos esportivos, mesmo tendo em conta suas similitudes, sendo a principal delas a busca pelo monopólio de produção de partidas para os diferentes mercados em disputa.

Devido ao fato de o estudo ter sido realizado no Brasil e devido à necessidade de se aprofundar os estudos sobre a história econômica da organização do futebol brasileiro o número de fontes e a análise mais detida recaem mais especificamente, em nosso país, no Rio de Janeiro. Fontes como censos, anuários estatísticos, manuais do então Distrito Federal, estatutos de clubes e ligas, mapas, documentações referentes aos meios de transporte e algumas notas da imprensa serviram para ajudar na reconstituição de uma história econômica das ligas de futebol do período. Para auxiliar na contextualização do estágio de desenvolvimento econômico e esportivo dos Estados Unidos e Inglaterra usei autores

que publicaram trabalhos de reconhecido valor acadêmico e que se utilizaram de densa documentação a respeito desse assunto.

As ligas se organizaram, em cada país, levando em conta as possibilidades econômicas de prosperidade em cada mercado, as características territoriais e o desenvolvimento dos meios de transporte, visando um maior intercâmbio entre agremiações esportivas, variedade na produção de diferentes jogos e maior afluxo de público aos estádios. Passemos à análise da organização econômica dos esportes mais populares dos Estados Unidos e da Inglaterra na virada do século XIX para o XX.

Baseball, Football: diferenças e semelhanças na construção dos monopólios esportivos

Na segunda metade do século XIX, tanto nos EUA quanto na Inglaterra, houve a organização de eventos esportivos visando a comercialização. Nos dois países se adotou o sistema de campeonatos nacionais e as principais ligas eram controladas por elementos da elite. Os dirigentes dessas associações, de alguma maneira, adotaram práticas monopolistas para a conquista do mercado.

John Hargreaves, em um trabalho pautado nos conceitos de hegemonia de Gramsci, analisou as mudanças nas relações históricas entre esporte, poder e classe na Grã-Bretanha. O autor argumentou que, em meados da segunda metade do século XIX, organizações esportivas burguesas estabeleceram uma hegemonia política sobre a cultura popular, enquadrando as classes subalternas às suas normas (HARGREAVES, 1986). No caso dos Estados Unidos, há um excelente estudo sobre as múltiplas oportunidades de negócios para os empreendedores fora do espectro esportivo, disponíveis a eles através dos esportes. Suchma analisa o empresário Art Modell, que nas décadas de 1960 e 1970 foi proprietário do time de futebol americano Cleveland Browns e se tornou líder cívico da elite de Cleveland. Modell usou seu prestígio para atividades comerciais não esportivas, mesmo sendo de Nova Iorque e tendo péssimos resultados esportivos com o time (SUCHMA, 2004)³.

³ Existem inúmeros trabalhos que analisam as relações entre os clubes esportivos e a elite na virada do século XIX para o XX nos Estados Unidos e na Grã Bretanha.

No caso dos EUA, o esporte que se popularizou com maior rapidez no período foi o beisebol. Após o conflito da Guerra Civil, o país necessitava solidificar seu novo comprometimento com a união, fato que, segundo Joe Webb, levou o beisebol a se tornar uma arena em que as maiores cidades poderiam tanto organizar situações de competitividade minorada, como um campeonato nacional, quanto promover um entendimento homogêneo da vida americana (WEBB, 2009: 172). O beisebol se tornou uma das atividades de maior apreço entre os combatentes do conflito e David Voigt chega a afirmar que a guerra ajudou a difundir e a popularizar esse esporte entre os americanos de todas as classes. Tal fenômeno fez com que a imprensa o apontasse como o *America's National Game* e como poderosa ferramenta de demonstração de união entre as diferentes regiões do país (VOIGT, 1976: 8).

O país, de dimensões continentais, apresentava um forte crescimento populacional e dinamizava sobremaneira sua economia industrial, assim como seu transporte ferroviário. De 1870 a 1914, a população total passou de 39,5 milhões para 97 milhões de habitantes, muitos deles imigrantes, e após 1865 nasceram os gigantes da produção e o grande capitalismo financeiro (MAURO, 1976: 233). Tal contexto tornava propícia a diversificação de investimentos e a dinamização do mercado de entretenimento nas grandes cidades do país.

Mas, para a formação de campeonatos esportivos nacionais, um aspecto que dificultaria sobremaneira a organização da competição envolvendo clubes de diferentes regiões do país deveria ser levado em conta. As maiores e mais populosas cidades situavam-se distantes umas das outras, o que acarretava grandes custos de deslocamento por parte dos clubes, mesmo com um sistema ferroviário que se desenvolvia rapidamente nesse período. Segundo Frederic Mauro, surgiram, na segunda metade do século XIX, duas grandes linhas ferroviárias, a Nordeste e a dos Grandes Lagos, assim como seis linhas menores ligando a região Sul do país ao interior. Após a Guerra Civil, novas linhas foram construídas ligando, principalmente, a cidade de Nova York a Chicago, Saint Louis e Nova Orleans. Foram também inauguradas ferrovias que praticamente cruzavam o país, como a linha Ohama (Missouri)-São Fran-

Steven Riess faz um bom levantamento bibliográfico sobre os trabalhos que versam sobre essa temática (RIESS, 1981).

cisco, finalizada em 1869, e as linhas Chicago-Portland e Saint Louis-Los Angeles, concluídas em 1890 (op. cit.: 202-203). Em 1889, o país contava com 259.514 quilômetros de estradas férreas⁴. Em 1905, 349.776 quilômetros de estradas de ferro cortavam o país⁵ equatorze anos depois já eram 425.241 quilômetros de estradas de ferro. Com uma área territorial de 9.336.642 quilômetros quadrados⁶, os EUA tinham um quilômetro de ferrovias para cada 22 quilômetros quadrados de território.

A primeira liga de esportes comercializáveis nos EUA, a *National Association of Professional Base Ball Players*, foi fundada em 1871 e não era uma associação fechada, ou seja, qualquer equipe poderia entrar, pagar as taxas e disputar os campeonatos. A *National Association*, apesar de vida curta (1871-1875), chegou a ter mais de 20 equipes participantes e, como seu próprio nome coloca, tratava-se de uma entidade organizada por jogadores.

Entretanto, a *National Association* não conseguiu desenvolver um processo em que os clubes disputassem os campeonatos de maneira regular sem que tivessem prejuízos constantes. Isso levou muitos clubes a desistirem dos campeonatos durante a temporada, criando buracos nas tabelas e prejuízos para os demais participantes, que tinham seus jogos como fontes primordiais de rendas. O resultado, segundo Goldstein (1989), foi a criação, em 1876, de uma nova associação de beisebol que durante alguns anos disputou o mercado com a *National Association*, a *National League of Baseball Clubs*.

A *National League* contava com oito clubes, quatro localizados no Nordeste do país (Chicago, Cincinnati, Louisville e St. Louis) e quatro localizados na região Noroeste (Boston, Hartford, Nova York e Philadelphia). Em 1891, a *National League* conseguiu convencer quatro clubes a se transferirem da *National Association*, sendo dois deles os principais times, os *Dodgers*, de Nova York, e os *Pirates*, de Pittsburgh, for-

⁴ ESTADOS UNIDOS. *Statistical Abstract of the United States, 1889. Prepared by the Bureau of Statistics under the direction of the Secretary of the Treasury. Washington Government Printing Office, 1890: 246.*

⁵ ESTADOS UNIDOS. *Statistical Abstract of the United States, 1905. Prepared by the Bureau of Statistics under the direction of the Secretary of Commercial and Labour. Washington Government Printing Office, 1906: 580.*

⁶ ESTADOS UNIDOS. *Statistical Abstract of the United States, 1919. Department of Commerce, Bureau of Foreign and Domestic Commerce. Washington Government Printing Office, 1921: 319.*

mando assim uma associação com 12 clubes, todos localizados no norte do país.

A disputa entre as ligas pelos melhores clubes levou as duas associações a um acordo em que cada uma gerenciaria um número de clubes e teria seu campeonato. Na parte final da temporada se encontrariam para a realização da final nacional. Segundo Woodrow Eckard, tal acordo visava não apenas eliminar a competição entre as ligas, mas também eliminar a competição entre os clubes para que se filiassem a uma das duas instituições reguladoras deste esporte (ECKARD, 2005: 131). O mesmo autor argumenta ainda que esse sistema, denominado como um “cartel fechado”, foi adotado pelos donos dos clubes para se protegerem da competição entre as ligas com a tentativa de confinar os times que não participavam nem da *National Association*, nem da *National League*, em ligas de menor expressão (op. cit.: 143).

Outras ligas também se formaram ao longo dos anos, como a *Players League* (1890), a *Federal League* (1914-1915) e a mais importante delas, a *American Association* (1882-1891). Em 1901, foi fundada a *National Association of Professional Baseball Leagues* que, no ano seguinte, se incorporou ao acordo feito entre as duas maiores ligas nacionais, criando a *Major League Baseball (MLB)* e definindo um sistema fechado de clubes. Tal sistema, com um número de equipes relativamente reduzido, possibilitava à *MLB* escolher os clubes mais ricos do país para fazer parte de seu campeonato.

As soluções adotadas pelos chamados “empresários do entretenimento esportivo” que ficaram de fora da *Major League* foram as mais variadas. Uma das mais conhecidas foi a montagem de clubes independentes que buscavam tanto receber equipes em seus domínios quanto fazer viagens pelo país, em busca de jogos que pudessem trazer benefícios econômicos para os clubes. Este foi o caso, por exemplo, do *Chicago Union*, clube formado por atletas negros (impossibilitados de jogar na liga nacional), empresariados por Frank C. Leland, um homem de negócios também negro que organizava jogos do time nos bairros negros da cidade de Chicago (LOMAX, 1998). Leland chegou a formar um empreendimento comercial exclusivamente de entretenimento, junto de outros líderes da elite negra de Chicago, a *Leland Giants Baseball and Amusement Association*, além de ter organizado diversas outras ligas alternativas que não conseguiram competir com a *Major League*. Este é um

dos muitos exemplos de pequenas ligas que não conseguiram se estabelecer no mercado e acabaram sendo arrasadas pela concorrência da *Major League*.

Na Inglaterra, as características geográficas e demográficas diferiam em muito das presentes nos Estados Unidos. Tratava-se de um país muito menor que os EUA, com considerável crescimento demográfico durante a segunda metade do século XIX. O Reino Unido aumentou sua população de 20.960.000 em 1850 para 29.000.000 em 1880, um crescimento na casa dos 40% (MAURO, op. cit.: 57). As maiores e mais populosas cidades ficavam relativamente próximas umas das outras. O desenvolvimento das estradas de ferro do Reino Unido no século XIX trazia uma possibilidade de deslocamento bastante ágil entre os habitantes das principais cidades. Em 1870, o país já contava com 21.699 quilômetros de linhas férreas e, em 1884, um total de 407 trens faziam cerca de 66,5 quilômetros em uma hora (op. cit.: 51). Em 1920, a Inglaterra já contava com 32.597 quilômetros de estradas de ferro (LOWSON, 1998: 17) em um país de 130.395 quilômetros quadrados de área. Portanto, a Inglaterra contava com um quilômetro de ferrovias para cada quatro quilômetros quadrados de área territorial, o que mostra o forte desenvolvimento do setor de transportes férreos no país.

Tal configuração trazia um conjunto de elementos diferentes para a organização de um campeonato nacional. A distância média entre os oito primeiros times a formar a *National League* nos Estados Unidos (cerca de 958 quilômetros) era dez vezes maior que a distância entre os doze primeiros times que formaram a *English Football League* (95 quilômetros). Essa situação demonstra que tanto o tempo de viagem quanto os custos de deslocamento eram muito menores para os clubes ingleses, o que viabilizava a adoção de um sistema de livre entrada de clubes, pois ficavam minimizados os custos de deslocamento, barateando a manutenção dos clubes durante o campeonato. Além disso, havia a possibilidade de espectadores dos times adversários acompanharem suas equipes nos deslocamentos, possibilitando uma maior afluência aos jogos, mesmo em mercados menores.

O primeiro campeonato de futebol nacional realizado na Inglaterra, o *The Football Association Cup*, foi disputado no sistema de *play-offs* ou *knock-out*, em que as equipes vão sendo eliminadas após serem derrotadas. Organizado pela *Football Association* no ano de 1871, tal sistema de

disputa deixava muitos clubes sem atividade durante praticamente toda a temporada, quando os mesmos eram eliminados nas fases iniciais. Para evitar esse problema, foi organizada, em 1888, a *Football League*, pela iniciativa dos dirigentes do clube Aston Villa, da cidade de Birmingham, que convidou outros onze clubes a jogarem entre si durante a temporada. Cada equipe jogaria 22 jogos durante o ano, onze em seu estádio e onze no estádio de cada um de seus adversários.

Segundo Wray Vamplew, citando o dirigente William McGregor, do Aston Villa, “boas rendas se tornavam imperativas” para a manutenção dos clubes. Segundo o dirigente, a multiplicidade de competições locais em sistema de *play-offs*, conhecidas como *cups*, com a eliminação precoce de alguns times após apenas uma partida, não era capaz de proporcionar estabilidade econômica aos clubes (VAMPLEW, 2004: 125). A *Football League* (doravante *FL*)⁷ se estabeleceu como uma autoridade central especificamente organizada para ter o controle sobre os jogos, a distribuição das rendas, dos salários dos jogadores e as restrições quanto à mobilidade dos mesmos entre os clubes. A organização da *FL* pode ser vista como uma tentativa de se formar um monopólio na organização do futebol inglês, com a participação de clubes fortes e a formação de jogos de elevada qualidade, satisfazendo as demandas de um mercado em crescimento (BRYANT, 1986: 4).

Em seus primeiros anos de funcionamento, a *FL* contava apenas com equipes situadas no norte do país e conviveu com outras ligas de futebol na disputa pela hegemonia do mercado, como a *Football Alliance* e a *Southern League*. Desde o seu início exigia dos quatro últimos colocados que os mesmos provassem ser capazes de continuar na liga, abrindo a possibilidade de substituição dos clubes. Em 1892, a *FL* adotou definitivamente o sistema de divisões em sua liga, com a oportunidade de entrada de clubes nas divisões inferiores, diferentemente da organização fechada do beisebol nos Estados Unidos.

No ano seguinte, a *FL* aceitou a entrada do primeiro clube londrino, o Arsenal F.C., em sua segunda divisão, e no ano seguinte, adicionou às

⁷ A *FL* tem, desde o início dos anos 1990, uma divisão especial que gere a primeira divisão do futebol inglês, a chamada *Premiere League*. A *FL* organiza o campeonato da primeira divisão. Os dois campeonatos têm a supervisão da *Football Association (FA)*, a federação inglesa de futebol. A *FA* organiza os campeonatos das outras divisões inferiores do país.

suas divisões 20 pequenos clubes do norte da Inglaterra. Em 1920, a *Southern League* foi absorvida e passou a ser considerada a terceira divisão nacional. De 1892 até 1921, a *Football League* passou de 12 para 86 times filiados, separados em divisões. Enquanto isso, nos Estados Unidos, a *National Baseball League* e a *National Baseball Association* passaram a ser partes de uma organização maior, a *Major League Baseball*, entidade que passou a contar com 16 times no mesmo período (CAIN; HADDOCK, op. cit.: 1.125-1.126).

As ligas se organizaram de maneira diferente nos dois países. Na Inglaterra, um clube poderia se filiar à *FL*, seguir as regras dos estatutos, pagar as taxas devidas e disputar o campeonato nacional. Tal competição era, e continua sendo, formada por divisões, e o clube novato entra na divisão mais baixa, disputando com outros clubes a possibilidade de ascender às divisões superiores, até atingir a primeira divisão.

A principal liga de beisebol, bem como a maior parte das principais ligas de esportes de alta competição nos EUA, não é aberta e não existem divisões. Determinadas cidades obtêm franquias da principal liga de cada esporte para a montagem das agremiações que disputam as competições nacionais. Há um número determinado de equipes que disputam a competição e não há divisões para ascender. Para que uma nova agremiação entre no campeonato, uma das existentes deve desistir, ou ter sua franquia tomada pelos dirigentes da liga, por diferentes motivos (principalmente econômicos) que a transferem para outra cidade. Existem ligas menores, amadoras e semiprofissionais, mas sem o mesmo apelo e sucesso econômico da *Major League*.

Outra diferença está na forma de disputa dos torneios. Na Inglaterra, o campeonato é organizado em sistema de “turno e retorno”, ou seja, todas as equipes se enfrentam duas vezes ao longo da temporada, uma vez em seu estádio e outra nos domínios de cada um de seus diversos adversários. Ao final de todos os confrontos, a equipe que somou o maior número de pontos é declarada a campeã. No caso da primeira divisão, os últimos clubes são rebaixados para a segunda divisão. No caso das divisões inferiores, os primeiros colocados ascendem à divisão superior e os últimos são rebaixados à divisão inferior.

Já os campeonatos nacionais norte-americanos configuram-se de maneira diferente. Os torneios têm uma fase final, chamada *play-off*, disputada pelas equipes mais bem classificadas em uma fase preliminar

do torneio, em que todas as equipes se enfrentam entre si. Dessa maneira, as equipes com melhor pontuação são distribuídas em uma fase eliminatória, na qual duas equipes disputam uma série de cinco ou sete jogos, e a que obtiver maior número de vitórias passa à fase seguinte, até sobraem apenas duas equipes que disputam as partidas finais, também em séries de cinco ou sete jogos.

Após a análise das características dos dois países e as soluções adotadas pelos organizadores dos esportes comercializáveis em cada um deles, proponho-me a fazer um exercício parecido para pensar a forma com que os promotores brasileiros organizaram as estruturas dos campeonatos de futebol no país. O Brasil é um país de dimensões próximas às dos Estados Unidos; porém, com um desenvolvimento econômico, urbano e de meios de transporte ainda muito longe das características norte-americanas. Qual seria o modelo de campeonatos adotados no Brasil? Como os modelos norte-americano e inglês influenciaram na maneira como os empreendedores organizaram os campeonatos de futebol a fim de torná-los produtos comercializáveis? Havia a possibilidade de se organizar um campeonato nacional no início do século XX no Brasil? Estas são algumas das perguntas que pretendo esclarecer na sequência desse trabalho.

Brasil: a necessidade de um modelo alternativo

O futebol no Brasil se organizou como parte da indústria do entretenimento no início do século XX, período em que o país ainda se encontrava em um estágio bastante atrasado de desenvolvimento industrial, apesar do grande avanço que cidades como São Paulo e Rio de Janeiro apresentavam. Se ainda eram poucos os grandes centros urbanos com mais de cem mil habitantes no Brasil, o crescimento exponencial da população de algumas cidades propiciava um aumento constante do mercado consumidor e um ambiente favorável ao investimento em atividades de lazer comercializáveis, como as partidas de futebol. O que se pretende nesta parte do artigo é entender de que maneira se deu o consumo das práticas esportivas, um consumo moderno em um país de “capitalismo tardio” (MELLO; NOVAIS, 2007). O Brasil, e mais precisamente suas duas maiores cidades, Rio de Janeiro e São Paulo, estavam

em pleno processo de industrialização, constituindo suas forças capitalistas e passando ao modo especificamente capitalista de produção (MELLO, 1984: 97).

Em relação aos elementos que comandavam as principais agremiações esportivas pode-se observar a presença de membros importantes da elite nos quadros diretivos dos clubes e ligas. Assim como nos EUA e na Inglaterra empreendedores capitalistas passaram a ser gestores de clubes esportivos, tal prática foi comum também nas grandes capitais brasileiras. Os sócios dos chamados “clubes da elite” criaram disposições em seus estatutos – tais como a proibição de sócios analfabetos ou daqueles que exercessem profissões braçais – praticamente impossíveis de serem cumpridas pelas camadas menos abastadas, além das altas taxas cobradas. Tratava-se de uma tentativa de criar espaços de convivência exclusivos da elite na cidade, isolando de seu convívio elementos das camadas mais populares (SANTOS, 2008, 2010).

Apenas para citar um exemplo, vale mencionar a relação da família Guinle com o Fluminense Football Club. A família Guinle era dona de uma das maiores fortunas na cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. Através da Guinle & Co., estava envolvida com prestação de serviços como transportes urbanos e distribuição de gás e energia elétrica para várias cidades fluminenses e para a Capital Federal. Estava também envolvida em atividades de exportação, no porto de Santos, em São Paulo. Os três irmãos que controlavam a Guinle & Co., Carlos, Guilherme e Arnaldo Guinle foram presidentes do clube. Mas foi Arnaldo Guinle o que deixou maior marca no Fluminense, sendo presidente de 1916 a 1932.

Arnaldo Guinle foi um dos nomes mais importantes para esse clube, pois acumulou as funções de presidente do Fluminense e da Confederação Brasileira de Desportos no período em que o Brasil sediou as duas primeiras competições esportivas internacionais do país, em 1919 e 1922. Guinle praticamente levou os eventos para dentro do seu clube, conseguindo viabilizações de crédito com o governo para a construção do então maior estádio de futebol do país, além de modernas instalações esportivas como piscinas e quadras de tênis (SANTOS, 2012).

No entanto, as características geográficas, econômicas, populacionais e de desenvolvimento de meios de transporte e do próprio esporte no Brasil trariam enormes obstáculos para a organização de campeonatos nacionais no início do século XX. O Brasil tinha poucas cidades consi-

deradas grandes centros urbanos e, por sua vez, poucos polos de desenvolvimento de esportes. Em 1920, apenas a capital do país, a cidade do Rio de Janeiro, contava com mais de um milhão de habitantes. Somente seis cidades possuíam mais de cem mil habitantes. Ao lado do Rio de Janeiro, São Paulo (587.072 habitantes), Salvador (284.963 habitantes), Recife (241.888 habitantes), Belém (237.819 habitantes) e Porto Alegre (181.985 habitantes) completavam a lista⁸. Tais cidades ficavam muito distantes umas das outras. As duas maiores cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo, ficam distantes mais de 400 quilômetros, enquanto a distância entre cidades como Porto Alegre e Belém chega a quase 4.000 quilômetros.

Uma vez que a ligação entre as poucas grandes cidades do país por ferrovias ainda era bastante precária, se comparada à rede ferroviária tanto da Inglaterra quanto dos Estados Unidos, tornava-se praticamente impossível a organização de um campeonato nacional. O Brasil tinha um território de 8.485.777 quilômetros quadrados, pouco menor que os EUA. Em 1919, tinha 28.128 quilômetros de estradas de ferro, ou um quilômetro de vias férreas para cada 301 quilômetros quadrados de território. No mesmo ano, os Estados Unidos já contavam com um quilômetro de ferrovias para cada 22 quilômetros quadrados de território, enquanto na Inglaterra a proporção era de um quilômetro de vias férreas para cada quatro quadrados de território⁹.

Para piorar o quadro, há uma concentração de ferrovias nos estados de São Paulo e Minas Gerais, além do Rio de Janeiro e do Distrito Federal. O estado de São Paulo tinha uma área de 290.856 quilômetros quadrados e 6.615 quilômetros de ferrovias em funcionamento, quase um quarto do total de linhas férreas do país, em uma área que não chega a 4% do território nacional. Por isso, São Paulo possuía uma distribuição de ferrovias bastante diferente da média nacional, na proporção de um quilômetro de linhas férreas para cada 44 quilômetros quadrados de território.

Já nos cerca de 43 mil quilômetros quadrados dos territórios do estado do Rio de Janeiro e do Distrito Federal estavam em operação

⁸ Anuário Estatístico Brasileiro de 1936. População das Capitais de 1920 a 1927: 63.

⁹ Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.

2.794 quilômetros de estradas de ferro, ou um quilômetro de ferrovias para cada 25 quilômetros quadrados de território, proporção muito parecida com a dos Estados Unidos. As estradas de ferro do Distrito Federal somadas às do Rio de Janeiro e São Paulo representavam quase um terço do total de ferrovias em funcionamento no país. Se somarmos a essas regiões as ferrovias de Minas Gerais (6.614 quilômetros) e Rio Grande do Sul (2.705 quilômetros), é possível observar que ali estavam concentradas quase 70% das estradas de ferro do país.

Em 1907, o meio mais rápido de integrar as duas maiores cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo, distantes 440 quilômetros, era o transporte ferroviário. A viagem pela Estrada de Ferro Central do Brasil durava aproximadamente 11 horas¹⁰. Enquanto ainda no século XIX, no ano de 1884, os trens ingleses circulavam com velocidade média de 66,5 km/h, os trens pelo Brasil, mais de vinte anos depois, circulavam a 35 ou 40 km/h.

Os dados apresentados mostram como o pouco desenvolvimento da rede ferroviária e a extensão territorial brasileira trariam problemas para a execução de um campeonato de futebol de âmbito nacional. A imensidão do território, o número pequeno de grandes metrópoles e a distância entre elas, o estágio tardio de desenvolvimento tanto capitalista quanto esportivo da grande maioria das cidades do país e o fraco desenvolvimento do transporte interestadual fez com que os gestores dos principais clubes esportivos das maiores cidades brasileiras buscassem alternativas aos modelos já conhecidos e em funcionamento do futebol inglês e do beisebol norte-americano. O deslocamento das equipes tornava-se demasiado demorado e custoso para que os clubes pudessem adotar como modelo um campeonato nacional.

Se a ligação entre as grandes capitais estaduais do Brasil ainda era precária nos primeiros anos do século XX, o desenvolvimento dos transportes públicos na Capital Federal era um dos aspectos que mais denotava o crescimento e a urbanização da cidade. O transporte público que mais crescia era o de carris urbanos, ou os bondes, como eram conhecidos. Em 1912, 935 bondes percorriam 331,6 km de linhas pelos 1.116 quilômetros quadrados de área do Distrito Federal, um quilôme-

¹⁰ ALMANAK Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Cia Typographica do Brasil, 1907.

tro de linhas de bondes para cada três quilômetros quadrados de área territorial, proporção próxima à que a Inglaterra tinha em relação às linhas ferroviárias de todo o país¹¹.

Se o Brasil tinha o tamanho continental dos EUA, seu desenvolvimento econômico era de menor monta, possuía menos cidades com grandes aglomerados populacionais e menos centros urbanos com grande desenvolvimento esportivo. Ao invés de torneios nacionais, os dirigentes dos clubes organizavam campeonatos metropolitanos e, posteriormente, estaduais, como alternativa à produção de jogos com regularidade visando atender à crescente demanda do mercado por eventos esportivos em algumas grandes cidades do país¹².

Dessa maneira, aproveitavam ao máximo a proximidade dos clubes, a possibilidade de contar com torcedores de diferentes agremiações nos diversos estádios da cidade e o alto grau de desenvolvimento esportivo de algumas praças como Rio de Janeiro e São Paulo. Essas duas cidades apresentavam um crescimento populacional impressionante nos primeiros anos do século XX e assistiram ao florescimento de inúmeras ligas metropolitanas e de muitos clubes capazes de atrair um número elevado de espectadores aos estádios. Com campeonatos metropolitanos, as ligas carioca e paulista precisavam se preocupar com a integração de equipes em uma área muito menor que as ligas nacionais inglesas e norte-americanas e não dependeriam do transporte ferroviário, ainda bastante incipiente no Brasil, para o deslocamento das equipes. Praticamente todos os clubes ficavam no raio de ação dos chamados transportes de carris urbanos.

Para que se compreenda melhor a opção pela organização de campeonatos metropolitanos no Rio de Janeiro, cabe um detalhamento mais específico da localização dos clubes e da população dos locais em que se fundaram algumas das principais agremiações esportivas da cidade. Com isso, procuro trazer elementos que ilustrem a distribuição geográfica das equipes dentro da cidade e o aproveitamento da proximidade entre as mesmas para a formação de campeonatos de futebol.

¹¹ BRASIL. Anuário Estatístico do Brasil, 1908-1912, vol. II, 58-59

¹² Sobre o crescimento da popularidade do futebol no início do século XX, Cf. PEREIRA, 2001; FRANCO JUNIOR, 2009; SANTOS, 2010. Sobre o crescimento da demanda por espetáculos comercializáveis no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, Cf. SANTOS, 2010, 2011.

Os três principais clubes de futebol da Capital Federal – Botafogo *Football Club*, Fluminense *Football Club* e *Club* de Regatas Flamengo – estavam localizados na zona Sul da cidade, muito próximos uns aos outros, no distrito da Glória, região de 5,6 quilômetros quadrados que contava, naquele período, com quase 70 mil habitantes¹³.

A ligação aos estádios desses clubes fazia-se majoritariamente através dos carris urbanos. A zona Sul da cidade, região em que se concentrava boa parte da elite carioca, abrigava os campos dos clubes mais ricos de futebol da cidade e foi a primeira a receber bondes elétricos. Do Centro partiam os bondes da Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico para o Largo do Machado, Laranjeiras, Cosme Velho, Botafogo, Jardim Botânico, Gávea, Copacabana e Ipanema. Em 1912, a Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico servia às freguesias da zona Sul da cidade e tinha instalados 75,85 quilômetros de linhas férreas, por onde transitavam 289 carros de passageiros¹⁴.

O Fluminense foi o primeiro dos grandes clubes a constituir uma equipe de futebol. Apesar da maior parte de seus sócios serem da elite carioca, o clube tinha inúmeros simpatizantes, os chamados “torcedores”, membros da classe trabalhadora que, embora dificilmente conseguissem se associar ao clube, compravam ingressos e frequentavam o estádio, aberto a qualquer pessoa que pagasse ingressos nos dias dos jogos¹⁵. O estádio do Fluminense era servido por doze linhas de carris urbanos que transportavam os torcedores do Largo da Carioca (região central) à zona Sul. As linhas Laranjeiras e Cosme Velho passavam à porta do estádio. Já os bondes do Largo do Machado, Praia do Flamengo, Largo dos Leões, São Clemente, Humaitá, Jardim Botânico, Gávea, Copacabana, Leme e Ipanema tinham paragem no Largo do Machado, cerca de um quilômetro distante do campo do clube¹⁶.

¹³ Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.

¹⁴ BRASIL. Anuário Estatístico do Brasil, 1908-1912, vol. II: 58-59.

¹⁵ Para uma análise mais detida das taxas e barreiras criadas pelos grandes clubes Cf. PEREIRA, 2000 e SANTOS, 2010.

¹⁶ Para os preços das passagens de trem e bondes, bem como itinerários dos meios de transporte no Rio de Janeiro, Cf. ALMANAK Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Cia Typographica do Brasil, 1915.

Essas últimas linhas serviam outros dois grandes clubes de futebol da região, o Botafogo e o Flamengo. O Botafogo *Football Club*, do bairro de mesmo nome, alugava um campo no Largo dos Leões, servido pelas linhas que saíam do centro da cidade em direção ao próprio Largo dos Leões, ou as linhas que saíam da região central com destino a Humaitá, Jardim Botânico, Gávea, Copacabana e Leme¹⁷. Esse clube também se caracterizava por ser um dos clubes de elite do Rio de Janeiro, cobrando taxas altíssimas e barreiras sociais, muito parecidas com as do Fluminense. Anos mais tarde, outra agremiação representante da elite carioca, o Clube de Regatas Flamengo, também montou seu time de futebol. Formado por jogadores que haviam saído do então campeão Fluminense para montar um dos mais fortes times de futebol da cidade, o Flamengo atuava em um campo na Rua Paysandu, muito próximo ao campo do Fluminense, servido por todos os bondes que seguiam do Centro em região à zona Sul.

Aos grandes clubes da zona Sul uniram-se outras agremiações no intuito de montar campeonatos que pudessem gerar renda com a venda de ingressos regulares para as equipes. Para tal, procuraram formar uma liga de clubes que pudesse tanto organizar as contendas quanto dar aos representantes das principais agremiações o poder de controlar o futebol da cidade. Vejamos como se deu a organização da associação formada pelos grandes clubes cariocas e seus mecanismos de controle a partir da estrutura urbana e de meios de transporte da cidade.

As ligas de futebol formadas pelos clubes mais ricos da cidade congregavam os clubes próximos à zona Sul, além de alguns times de freguesias populosas da zona Norte próximas à região central e bem servidas de meios de transporte, como Tijuca, Andaraí e São Cristóvão. Obviamente, a primeira divisão apresentou mudanças ao longo do período aqui analisado. Procura-se, entretanto, analisar as agremiações que tiveram uma presença mais constante nesse campeonato.

Em 1909, ao início de mais uma temporada de futebol na Capital Federal, a *Gazeta de Notícias* publicou uma série de notas informando os endereços dos campos dos diversos times da liga e a maneira como se chegar até eles¹⁸. As notas fazem menção a vários campos de futebol,

¹⁷ *Gazeta de Notícias*, 7 de janeiro de 1907.

¹⁸ *Gazeta de Notícias*, 2, 9 e 14 de maio de 1909.



dos quais destacamos aqui alguns dos mais relevantes, cruzando os dados do periódico com as pesquisas feitas nas edições do Almanak Laemmert do período, disponíveis no Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, além dos censos demográficos realizados no período.

Havia apenas um clube com certo prestígio e com um número relativamente alto de torcedores que estava fora da zona Sul. Tratava-se do América *Football Club*, localizado na freguesia da Tijuca, na zona Norte, região recém-urbanizada, com população de 11.484 habitantes¹⁹, próxima ao Centro e bem servida de transportes. Longe da zona Sul, mas perto do Centro, o campo do América, na Rua São Francisco Xavier, número 78, era servido pelas linhas que ligavam a região central do Rio de Janeiro à Vila Izabel, Engenho Novo, Engenho de Dentro e Aldeia Campista.

Ainda na zona Norte, na populosa freguesia de São Cristóvão, com 59.332 habitantes²⁰, dois clubes que compunham a primeira divisão do campeonato carioca tinham ali localizados seus campos. O Club de Regatas São Cristóvão inaugurou seu estádio em 1916, na Rua Figueira de Melo, número 200. As linhas São Januário, São Luiz Durão, Caju, Alegria e Jockey Club partiam do Centro e passavam em frente ao campo. Uma boa alternativa de transportes para os torcedores que vinham dos subúrbios da cidade eram os trens. O campo ficava cerca de dois quilômetros da estação São Cristóvão, da Estrada de Ferro Central do Brasil, duas estações antes do entroncamento com a outra linha de trens suburbanos, a Leopoldina *Railway*.

O Sport Club Mangueira também alugava um campo na mesma rua, à altura do número 393. Sua sede ficava na Rua Pirassununga, número 49, no bairro da Tijuca. Apesar de adotarem o nome do bairro da Mangueira, localizado nos caminhos de ferro da Central do Brasil, o clube era formado por jovens moradores do bairro da Tijuca. Em 1919, dos nove membros da diretoria, oito tinham menos de 30 anos e a grande maioria trabalhava no comércio, exceto o 1º vice-presidente, negociante, e o 2º, o Capitão Alexandre Cunha, apontado no pedido da licença de funcionamento como “capitalista”²¹.

¹⁹ Os dados de população referem-se ao ano de 1920. Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.

²⁰ Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.

²¹ ARQUIVO Nacional. “Sport Club Mangueira”. Caixa IJ6- 655.



Havia ainda um grupo formado por três agremiações na primeira divisão que representavam o que podemos chamar de “clubes de fábrica”. Sua presença na liga dava-se, provavelmente, pelo apoio dos grandes industriais às agremiações que representavam suas fábricas. O mais importante dos “times de fábrica” era o Bangu *Athletic Club*, apoiado pela Companhia Progresso Industrial, mais conhecida como Fábrica Bangu, fundada em 1892. A empresa contava com vários técnicos ingleses que, desde a chegada ao Brasil, começaram a praticar futebol. A fábrica dava suporte ao clube e um dos primeiros presidentes do Bangu *Athletic Club*, José Villas Boas, foi um de seus principais diretores no início do século XX. Entretanto, tratava-se do único clube que realmente se localizava a uma considerável distância do Centro da cidade, no distrito de Santa Cruz, com 16.506 habitantes. O campo, que ficava praticamente ao lado da estação de trens, era servido pela Central do Brasil, no Ramal de Santa Cruz, uma estação antes do final da linha, em viagem de mais de 30 quilômetros que durava aproximadamente uma hora e meia.

Outro importante “clube de fábrica” da primeira divisão do futebol gerenciado pela elite do Distrito Federal era o Carioca *Football Club*, ligado à Fábrica de Tecidos Carioca. O clube tinha entre seus membros e diretores apenas “operários de bom comportamento”, segundo o Comissário da Delegacia do 21º Distrito Policial do Rio de Janeiro, Belmiro Julio Vianna, que por isso autorizava a licença de funcionamento do clube em 1916²². O campo do Carioca se situava na Gávea, na zona Sul, com 15.270 habitantes. O bairro ainda apresentava, naquele tempo, dificuldades de comunicação com o restante da cidade. Apenas duas linhas de carris urbanos ligavam a região próxima do estádio do Carioca, na Estrada Dona Castorina, ao centro da cidade: Jardim Botânico e Gávea. Os dirigentes tentavam articular os meios de transporte ao seu campo com criatividade, como é o caso do “auto-omnibus” fretado pela diretoria do clube, interligando o campo ao ponto mais próximo dos bondes do bairro, já com o ingresso de arquibancada incluído para o jogo Carioca e Flamengo. Os bilhetes, com direito à integração do ônibus com as linhas de bondes, poderiam ser obtidos na Casa Stamp, uma das maiores casas de materiais esportivos do período²³.

²² ARQUIVO Nacional. Caixa IJ6- 595.

²³ *Correio da Manhã*, 21 de abril de 1918. Para uma análise sobre o consumo dos torcedores de futebol no Rio de Janeiro entre 1915 e 1934, Cf. SANTOS, 2010.

A última agremiação que completava o grupo dos mais importantes times de fábrica do Rio de Janeiro era o Andarahy *Athletic Club*. O Andaraí tornou-se um distrito bastante populoso: mais de 80.000 pessoas moravam naquela região²⁴, quase 10% da população da cidade. O Andarahy, fundado em 1909, estava vinculado à Fábrica Cruzeiro, instalada no mesmo distrito. Em 1920, os funcionários da fábrica tinham desconto nas mensalidades para se associarem ao clube²⁵. A chancela da Cruzeiro é que dava a este pequeno clube a possibilidade de participar da principal liga esportiva da cidade, assim como nos casos anteriores.

Para os torcedores que se dirigiam dos subúrbios da zona Norte em direção ao estádio do Andarahy havia uma estação de trens denominada Estrada de Ferro Central do Brasil, a *Derby Club*. Vindo das linhas de carris urbanos da zona Sul um bonde da linha Andarahy Grande ou das linhas Aldeia Campista e Engenho Novo transportaria os torcedores por cinco quilômetros em direção ao campo do Andarahy *Athletic Club*.

O distrito do Andaraí contava ainda com outro clube que frequentemente disputava a primeira divisão da principal liga de futebol do Rio de Janeiro: o Villa Isabel *Football Club*. Seu campo ficava próximo à estação São Francisco Xavier, da Central do Brasil. Além dos trens, o campo era servido pelos bondes que ligavam o centro da cidade ao bairro, como a linha Barcas-Villa Isabel (que saía da Praça XV), ou as linhas que também serviam o campo do Andaraí.

O caso do Vasco da Gama, único “clube grande” fora da zona Sul, foi diferente. O clube só estreou na primeira divisão em 1923, mas rapidamente se constituiu em uma das forças do futebol carioca, com forte apoio de empresários ligados à comunidade de imigrantes portugueses, como Raul e Antônio Campos, donos da Casa Campos, uma das maiores lojas de roupas da cidade, além da Casa *Sportsman*, a maior loja de artigos esportivos do Rio de Janeiro. Com um time formado basicamente por jogadores oriundos das camadas menos abastadas da sociedade carioca que foram profissionalizadas, o clube conquistou títulos com rapidez, inclusive o do ano de sua estreia. Em 1927, construiu um dos maiores estádios da América Latina, no bairro de São Januário,

²⁴ Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.

²⁵ BRASIL. “Sociedades Civas: Andarahy Athletic Club – Estatutos”. *Diário Oficial dos Estados Unidos do Brasil*, 9 de março de 1919: 3.245.

na zona Norte. O estádio era servido basicamente pelas linhas de carris urbanos, principalmente a linha São Januário, que passava à sua porta e que até hoje empresta seu nome ao campo do Vasco (SANTOS, 2010).

A opção dos gestores da principal liga carioca de futebol foi privilegiar equipes localizadas muito próximas umas às outras em uma região que concentrava, em 1912, mais de um quarto da população da Capital Federal. Na liga de beisebol norte-americana a distância média entre as equipes era de cerca de 958 quilômetros e jogadores e comissão técnica chegavam a viajar dois mil quilômetros para jogar. Na liga inglesa de futebol os clubes estavam distantes em média 95 quilômetros e a distância máxima percorrida pelas delegações dos clubes não ultrapassava os 150 quilômetros. A distância entre os clubes do campeonato carioca era infinitamente menor. Da região onde se localizavam Botafogo, Flamengo e Fluminense, por exemplo, deslocava-se cerca de 10 quilômetros até os campos dos bairros de São Cristóvão, Mangueira e Vasco, 13 quilômetros até os campos localizados próximos da Tijuca ou Aldeia Campista (América, Andaraí e Vila Izsabel), 10 quilômetros para o campo do Carioca, no Jardim Botânico, e 40 quilômetros para o campo do Bangu. A média dos deslocamentos desses clubes era de 12 quilômetros. A maior distância que uma equipe poderia se deslocar era no jogo Carioca e Bangu, distantes cerca de 50 quilômetros. Sem a equipe do Bangu, a média de deslocamento dos clubes cariocas era de nove quilômetros.

Com a presença de um número considerável de agremiações, o campeonato ganhava em quantidade de jogos que podiam ser comercializados regularmente. Entretanto, as agremiações pequenas poderiam ameaçar o poder dos grandes clubes e, para evitar tal processo, a liga se organizava de modo a criar mecanismos de concentração de poder nos clubes mais ricos.

A Liga Metropolitana de *Football* (LMF), a primeira da cidade, foi fundada pelos clubes representantes da elite carioca em 1905, por representantes do América, Botafogo, Bangu, *Football and Athletic Club* e Fluminense, cujo presidente Francis Harry Walter foi também o primeiro presidente da entidade. A LMF mudou de nome várias vezes²⁶,

²⁶ A liga que congregava os principais clubes da cidade teve nomes distintos ao longo do período analisado: Liga Metropolitana de *Football* – LMF (1905), Liga Metropolitana de Sports Athleticos – LMSA (1907), Liga Metropolitana de Desportos Terrestres – LMDT (1917), Associação Metropolitana de Esportes Athleticos – AMEA (1924) e a Liga Carioca de Futebol – LCF (1933).

mas sempre manteve uma estrutura elitista de organização política e econômica, a despeito dos diferentes nomes que teve.

A outra semelhança com as ligas organizadas nos EUA e na Inglaterra foi a adoção de práticas monopolistas pelos dirigentes dos principais clubes cariocas para a conquista do mercado de partidas de futebol. Assim como a liga inglesa, a liga de futebol carioca também cresceu com o passar dos anos, absorvendo um número maior de clubes, separando-os em divisões e até mesmo incorporando outras ligas menores do Rio de Janeiro. Embora nos EUA tenha se estabelecido um número limite de clubes, com uma única divisão e o número de participantes passando de oito para dezesseis, foi no sistema inglês que os campeonatos de futebol no Brasil se inspiraram.

O modelo inglês “semiaberto” foi adotado na organização das ligas metropolitanas no Brasil. Desde a fundação até meados dos anos 1920 a FL passou de 12 para 86 clubes, crescendo sete vezes num período de 30 anos, uma média de dois a três clubes a mais por ano. Desde a fundação até 1919 a liga administrada pelos grandes clubes, renomeada para Liga Metropolitana de Desportes Terrestres (LMDT), passou de nove clubes, divididos em duas divisões, para 27 clubes, separados por três divisões. Ou seja, a liga triplicou o número de clubes em 15 anos, um pouco abaixo do ritmo da liga inglesa, com a média de entrada de um clube por ano. Cabe lembrar que aqui se compara uma cidade, o Rio de Janeiro, com um país, a Inglaterra, podendo-se ter uma ideia da pujança do futebol na cidade brasileira.

Assim como a *National League* e a *National Association* tiveram que conviver e disputar mercado com o time independente do *Chicago Union* e como a *Football League* precisou rivalizar e incorporar a rival *Southern League*, a liga dos grandes clubes cariocas conviveu com inúmeras ligas menores na cidade que disputavam o mercado com ela.

Só durante a década de 1910 havia no Rio de Janeiro a Liga Fluminense, a Associação Carioca de Futebol, a Associação Brasileira de Sports Athleticos, a Federação Brasileira de Futebol, a Associação Athletica Suburbana, a Aliança Sportiva Municipal, a Liga Rodrigo de Freitas, a Liga Sportiva de *Football*, a Associação Brasileira de Sports Terrestres e a mais famosa dentre as pequenas ligas, a Liga Sportiva Suburbana. Enquanto algumas foram absorvidas pela principal liga da cidade, como a Liga Suburbana, outras foram deixando de existir, impossibilitadas de

concorrer com o poder econômico dos grandes clubes e de sua liga²⁷. Papel importante nesse processo, tanto no caso do Brasil quanto no caso da Inglaterra, foi o exercido pela confederação nacional dos respectivos países ao legitimar as ligas que continham os clubes cujos sócios eram membros da elite.

No início do século XX, a entidade responsável por aglutinar as diversas ligas locais era a Confederação Brasileira de Desportes (CBD), fundada em 1916. A CBD só aceitava uma agremiação por estado, e conseguir a chancela da entidade nacional era a garantia de “oficialidade” das competições. Dessa maneira, clubes dirigidos por sócios pertencentes à elite se ligaram à entidade nacional e garantiram o foco das atenções da imprensa e do próprio Estado, como foi o caso de Arnaldo Guinle, presidente da instituição de 1916 a 1920.

Assim foi organizada a estrutura para a comercialização dos jogos dos grandes clubes do Rio de Janeiro. Uma liga metropolitana, com aceitação de clubes próximos uns aos outros, mas que se enquadrassem dentro das premissas que a elite impunha para a participação. Esse foi também o modelo seguido pelas grandes capitais do Brasil, como em São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife. Um modelo diferente, não nacional, sequer estadual, mas metropolitano, que deixou raízes profundas na maneira como o futebol se organizou e se desenvolveu no país daí em diante.

Considerações finais

Neste trabalho foi analisada a maneira pela qual países como EUA, Inglaterra e Brasil, com foco no Rio de Janeiro, organizaram suas principais e mais lucrativas ligas esportivas visando a comercialização de jogos. De acordo com as observações feitas, os empreendedores de tais atividades levaram em conta o contexto econômico em que estavam inseridos, principalmente em relação aos meios de transporte, e geraram modelos de sucesso que passaram a ser seguidos pelos outros esportes ao longo das décadas seguintes e até atualmente.

²⁷ Para uma análise mais detida do processo de formação, profusão e declínio das ligas mais modestas do Rio de Janeiro, Cf. SANTOS, 2008, 2010.

Se as ligas em qualquer dos três países buscaram o desenvolvimento da atividade esportiva como aspecto relevante do mercado de entretenimento, além da criação de monopólios para a execução desse processo dentro de seus países, cada local se organizou buscando a melhor maneira de aproveitar suas características geográficas e econômicas. Através dessa análise, acredita-se ser possível entender uma das grandes peculiaridades da organização do futebol brasileiro atual, apontada no início: a presença de campeonatos regionais dividindo espaço no calendário com o campeonato nacional.

Os campeonatos regionais atendiam a algumas necessidades para a produção regular de espetáculos esportivos comercializáveis: possibilitava o deslocamento das equipes e torcedores por um território menor e provido de meios de transporte público, além de proporcionar a obtenção de um número elevado de equipes com bom nível técnico para a produção de jogos de igual nível. Como os campeonatos realizavam-se apenas em cidades, o desenvolvimento urbano acelerado das duas maiores cidades do Brasil trouxe a possibilidade do desenvolvimento de várias agremiações com bom desenvolvimento esportivo nesses dois centros.

O fato de a maioria dos campeonatos no Brasil, no início do século XX, serem metropolitanos não quer dizer que não acontecessem jogos e torneios entre equipes de diferentes cidades, até mesmo de outros estados. Os jogos em que estavam presentes equipes importantes de outras cidades e de outros estados atraíam bastante público e, por isso, organizavam-se amistosos ou mesmo torneios curtos, como o chamado “Rio-São Paulo”. Esse campeonato, disputado todo ano, acontecia entre as seleções organizadas pelas ligas que controlavam o futebol de maior prestígio nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Aconteciam apenas dois jogos, um em cada cidade. Os custos das viagens eram bancados pelas federações, que também ficavam com a arrecadação do jogo em suas respectivas praças.

Existiu também, a partir do início da década de 1920, a organização de campeonatos nacionais de seleções estaduais. A estrutura desses campeonatos foi analisada em trabalho recente (SANTOS, 2011) e mostra a dificuldade de participação de um número significativo de seleções estaduais, além de uma estrutura de campeonato que dividia o país em regiões, para depois fazer uma fase final nas cidades de São Paulo e Rio

de Janeiro (então Distrito Federal), com toda a tabela e organização voltada para que estas duas equipes fizessem as partidas decisivas da competição. Campeonatos nacionais de clubes organizados pela principal confederação nacional de futebol no Brasil foram criados apenas a partir de 1959, quando a Confederação Brasileira de Desportos colocou em disputa a Taça Brasil.

Uma vez que não havia grande possibilidade de integração do futebol com outras cidades do país, São Paulo e Rio de Janeiro, cidades mais populosas do Brasil, tiveram mercado para o surgimento de três ou quatro clubes de grande torcida, haja vista que os torneios metropolitanos surgiram como oportunidade para a conquista mais frequente de títulos. Atualmente, a capital paulista conta com três equipes de grande torcida e numerosos títulos de relevância em sua história: São Paulo Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras e Sport Club Corinthians Paulista. O campeonato estadual paulista ainda conta com a presença de outro clube com grande torcida e passado de conquistas, o Santos Futebol Clube, que toma o nome emprestado da cidade em que está localizado, no litoral do estado, cerca de 70 quilômetros distante da capital. No Rio de Janeiro, há quatro clubes nessa condição, os já citados Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco.

Uma das perguntas que pode se estabelecer a partir dessa análise é a questão da sobrevivência dos campeonatos regionais no Brasil. Sua existência estaria ligada apenas ao “charme” e à “tradição”, como preconizam dirigentes de clubes e jornalistas esportivos, ou seria mesmo uma necessidade de sobrevivência em um país imenso que desenvolveu esse esporte em praças distantes umas das outras e criou uma série de clubes com grande número de torcedores?

Os campeonatos metropolitanos no Brasil, posteriormente ampliados para estaduais, configuram-se como uma excepcionalidade na estrutura atual do futebol mundial. A presença de torneios dessa natureza tem, pelo menos, uma justificativa: a necessidade constante de obtenção de títulos de relevância para a manutenção do status de um “grande clube”. Economicamente, pode parecer que tais campeonatos sejam deficitários em termos de venda de ingressos e cotas para a transmissão de televisão, assim como trazem a questão real de ocuparem muitas datas no calendário. Entretanto, os torneios regionais são a possibilidade de os clubes conseguirem títulos, frente a um campeonato brasileiro absolutamente

equilibrado, em que quase todas as equipes da primeira divisão são detentoras tanto de um número considerável de títulos nacionais nessa competição quanto de uma grande quantidade de torcedores.

Muitos daqueles que se dedicam a comentar o futebol diariamente em meios de comunicação defendem o fim dos estaduais para que os clubes tivessem mais tempo no calendário para as férias e para a preparação antes das competições. Entretanto, fica a dúvida quanto à capacidade do campeonato nacional alimentar a necessidade de conquistas das principais equipes do futebol brasileiro para a manutenção de um número elevado de torcedores.

Referências bibliográficas

- ARÓSTEGUI, Julio. *Pesquisa Histórica: Teoria e métodos*. Bauru/SP: EDUSC, 2006.
- BRAUDEL, Fernand. *Uma lição de História de Fernand Braudel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- BOOTH, Douglas. *The Field: Truth and Fiction in Sport History*. London: Routledge, 2005
- BRYANT, Debra. *To What Extend did Sport in Late Nineteenth and Early Twentieth Century Britain Become More of a Business and Less of a Sport?* NASSH Bulletin, n. 3, April/May, 1986: 2-14.
- CAIN, Louis P.; HADDOCK, David D. Similar Economic Histories, Different Industrial Structures: Transatlantic Contrasts in the Evolution of Professional Sports Leagues. In _____. *The Journal of Economic History*, v. 65, n. 4, 2005.
- DOBSON, Stephen; GODDARD, John. Performance, revenue, and cross subsidization in the Football League, 1927-1994. In _____. *Economic History Review*, v. LI, n. 4, 1998.
- ECKARD, E. Woodrow. Team promotion in early major league baseball and the origin of the closed sports league. In _____. *Explorations in Economic History*, Elsevier, v. 42, n. 1: 122-152, 2005.
- GOLDSTEIN, Warren. *A History of Early Baseball*. Nova Iorque: Cornell University Press, 1989.
- HARDY, Stephen. Entrepreneurs, Organizations, and the Sport Marketplace: Subjects in Search of Historians. In _____. *Journal of Sport History*, v. 13, n. 1, 1986: 14-33.
- HARGREAVES, John. *Sport, Power and Culture: a social and historical analyses of popular sports in Britain*. New York: St Martin's Press, 1986.
- KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. In _____. *History and Theory*, n. 42: 39-44, feb. 2003.
- LOMAX, Michael E. Black Entrepreneurship in the National Pastime: The Rise of Semiprofessional Baseball in Black Chicago (1890-1915). In _____. *Journal of Sport History*, vol. 25, n. 1, 1998: 43-64.

- LOWSON, M.V. Surface transport history in the UK : analysis and projections. In _____. *Proceedings of the Institution of Civil Engineers - Transport*, vol 129, february, 1998: 14-19.
- MAURO, Frédéric. *História Econômica Mundial: 1790-1970*. Zahar, 1976.
- MAYER, Charles S. *La Storia Comparada*. In _____. *Studia Historica: Historia Contemporânea*, vol. 10 e 11, 1992/1993.
- MELO, Victor Andrade de. Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites. In MELO, Victor Andrade de (Org.). *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007: 13-32.
- OLABÁRRI GORTÁZAR, Ignacio. Qué Historia Comparada. In _____. *Studia Historica: Historia Contemporânea*, vol. 10 e 11, 1992/1993.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.
- RIESS, Steven A. Power Without Authority: Los Angeles' Elites and the Construction of the Coliseum. *Journal of Sport History*, vol. 8, n. 1 (Spring, 1981).
- SANTOS, João M. C. Malaia. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul (1919-1923). In _____. *Leituras de Economia Política* (UNICAMP), v. 13:125-155, 2008.
- _____. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses no Rio de Janeiro (1915 - 1934)*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós Graduação em História Econômica – DH/FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- _____. Campeonato Brasileiro de Seleções: economia de um projeto nacional (1922-1932). *Heera* (UFJF Online), v. 6: 27-47, 2011.
- _____. A História Econômica entra em Campo: O Rio de Janeiro e as competições esportivas internacionais de 1919 e 1922. *Revista de Economia Política e História Econômica*, Ano 08, n. 27: 153-198 – Dezembro de 2011/Janeiro de 2012.
- SUCHMA, Philip. Losing is a work of "Art": Professional Football and the Civic promoter in Cleveland. *Football Studies*, vol. 7, n. 1/2, 2204: 37-69.
- STEWART, R.K. The Economic Development of the Victorian Football League (1960-1984). *Sporting Traditions*, vol. 1, n 2, 1985: 1-25.
- TORTELLA, Gabriel. *Introducción a la Economía para Historiadores*. Madri, Tecnos, 1986.
- VAMPLEW, Wray. *Pay Up and Play the Game: Professional sport in Britain (1875-1914)*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- VOIGT, David Q. *Reflections on Diamonds: American Baseball and American Culture*. *Journal of Sport History*, 1974, n. 1: 3-25.
- WEBB, Joe. The Diagnostician and the National Pastime: Baseball as Metaphor In Sinclair Lewis's Babbitt. *Aethlon: The Journal of Sport Literature*. 2008 Fall / Winter, vol. XXVI n. 1: 171-185.